

REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 13 – Nº 27 – Janeiro – Julho 2018

Semestral

Artigo:

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA REALIDADE POSSÍVEL?

Autoras:

LIMA, Giovana Zanella de¹

COSTA, Gisele Maria Tonin da²

¹ Licenciada em Química, concluinte do curso de pós-graduação em Educação Interdisciplinar. Professora de química e ciências naturais. giovanazanella@hotmail.com

² Orientadora, Pedagoga, Especialista em Planejamento e Gestão da Educação, Mestre em Educação. Coordenadora do Curso de Pedagogia, professora de cursos graduação e pós-graduação da Faculdade IDEAU. gisele@centereletronica.com.br

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA REALIDADE POSSÍVEL?

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 2011, p. 70).

RESUMO: A Educação Inclusiva uma realidade possível? Pode-se vivenciar um ensino com diversas conquistas e dificuldades no ensino e aprendizagem dos educandos. Desafiando como futuros docentes, propondo a reavaliar e mudar nossas práticas pedagógicas e metodológicas, para que assim, seja possível a inclusão desses estudantes nas escolas de ensino regular. Foram desenvolvidos questionários com quatro questões descritivas, para avaliar como está sendo inserido na escola esse assunto entre professores e monitores de uma escola pública, localizada no norte do estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, foi possível analisar, organizar e demonstrar, a realidade em que os estudantes, estão inseridos nesses contextos da sociedade. Percebendo a grande preocupação dos profissionais da educação, sendo na infraestrutura escolar, nas diversas formas de aprendizagem, na adaptação de materiais adequados, cursos de aperfeiçoamento e preparo para receber os educando, sejam eles com qualquer nível de dificuldade. É necessário pensar em uma escola digna e igualitária, de qualidade de ensino para todos.

Palavras-Chave: Educação Inclusiva; ensino e aprendizagem; escola; realidade; professores; estudantes.

ABSTRACT: Inclusive Education a possible reality? You can experience a teaching with several achievements and difficulties in the teaching and learning of learners. Challenging as future teachers, proposing to review and modify our pedagogical and methodological practices, to make it possible the inclusion these students in regular schools. Questionnaires with four descriptive questions were developed to evaluate how this subject is being inserted in the school between teachers and monitors of a public school located in the north of the state of Rio Grande do Sul. In this way, it was possible to analyze, organize and demonstrate the reality on what students are inserted in these contexts of society. Understanding the great disturbance of education professionals, being in the school infrastructure, in the various forms of learning, in the adaptation of convenient materials, courses of improvement and preparation to welcome the educated, be they with any level of difficulty. It is necessary to think of a dignified and equal school, of quality teaching for all.

Keywords: Inclusive Education; teaching and learning; school; reality; teachers; students.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Cada ser humano é único, por isso todos tem os seus direitos como cidadãos, de poder ter a oportunidade de ser inserido, seja no mercado de trabalho, nos âmbitos escolares ou em outros ambientes. Deve-se proporcionar um espaço mais amplo, para que as pessoas não sejam excluídas, mas sim inseridas, possam se tornar seres humanos participativos, ativos na sociedade em que vive-se. Atualmente, faz necessário analisar a importância, desse tema em nossa sociedade globalizada. A educação inclusiva pode-se se tornar uma realidade possível?

Cabe ao educador, à busca por novos conhecimentos, novas estratégias para fornecer um ensino mais contextualizado, tentando despertar um ensino que consiga trazer aos estudantes a vontade do aprender e do entender, do ir à busca de novas bagagens que possam fazer a diferença em suas vidas.

É o momento de o professor agir como mediador no processo de ensino aprendizagem, tendo o compromisso de fornecer estratégias, modos diferentes, de conseguir transmitir seu conhecimento, utilizando conexões com a realidade dos estudantes para que possa facilitar sua aprendizagem. Como futuros educadores, proporcionar metodologias, estratégias de ensinagem diferenciadas, que possam favorecer uma aprendizagem significativa, contextualizada e atualizada.

Como ressalta Freire:

Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno, o que posso e o que devo fazer, na perspectiva progressista em que me acho, é, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo o que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber. Meu papel de professor progressista não é apenas o de ensinar matemática ou biologia, mas o de, tratando a temática que é, objeto de um lado de meu ensino, de outro, da aprendizagem do aluno, ajudá-lo a reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva. (2011, p. 121)

Como educadores, deve-se sempre ir à busca de novos conhecimentos, cursos de formações e de aperfeiçoamento profissional, para que assim sejamos capazes de fornecer aulas mais significativas para os educandos. Com a inclusão, percebe-se as diferenças que acontecem em nosso cotidiano, à mesma não deve ser vista como um problema, mas como uma diversidade que devem ser modificada e adaptada.

Pode-se verificar algumas mudanças que foram necessárias e as que ainda precisaram ser desenvolvidas, como na reestruturação física, na eliminação das barreiras arquitetônicas, na utilização de recursos e de tecnologias assistiva, entre outras de extrema importância. Além disso, precisa-se da compreensão e incorporação desses serviços nas escolas, sendo necessárias alternativas em relação à organização da gestão escolar, envolvendo principalmente os planejamentos e avaliações dos educandos inseridos no âmbito escolar.

Como ressalta Minetto:

O planejamento do currículo, por si só, implica diretamente considerarmos quem o planeja (professor) e para quem ele é planejado (o aluno). Ambos os envolvidos têm sua própria subjetividade que influenciam a organização. O professor, enquanto planeja é influenciado por suas, concepções pessoais, valores, histórias de vida,

formação, entre outros. Com base nesses requisitos, pode planejar tendo em vista o aluno e suas potencialidades, dificuldades e necessidades. Ainda é influenciada pelos recursos materiais que terá disponível e contexto no qual vai utilizá-los. (2012, p. 30)

A educação inclusiva pode-se sim, se tornar uma realidade possível, mas para que isso se concretize, será importante à participação de cada ser humano, sendo que cada um possa fazer a sua parte, se conscientizando e mobilizando para realizar as mudanças necessárias e de extrema importância na sociedade, inclusive nas escolas.

2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: NOVAS CONCEPÇÕES E REALIDADES

O que é Educação Inclusiva? Segundo (ALONSO, 2003, p.1) relaciona que “A Educação inclusiva compreende a Educação especial dentro da escola regular e transforma a escola em um espaço para todos. Ela favorece a diversidade na medida em que considera que todos os alunos podem ter necessidades especiais em algum momento de sua vida escolar”.

A educação inclusiva, como sabe-se que com a mesma gera grandes preocupações, indignações, por tanto essas mudanças precisam ocorrer, como ressalta Sassaki:

A ideia de integração surgiu para derrubar a prática da exclusão social a que foram submetidas as pessoas com deficiências por vários séculos. A exclusão ocorria em seu sentido total, ou seja, as pessoas com deficiência eram excluídas da sociedade para qualquer atividade porque antigamente elas eram consideradas inválidas, sem utilidade para a sociedade e incapazes para trabalhar, características estas atribuídas indistintamente a todas as pessoas que tivessem alguma deficiência. (2010, p.30).

Cabe ao docente, à responsabilidade de organização de materiais para suas aulas, o que necessita de um bom planejamento para que assim possa ministrá-las, como afirma (GANDIN, 2011, p. 21) “São três as perguntas básicas a ser feitas e continuamente retomadas (de forma dialética) em um processo de planejamento: - O que queremos alcançar? - A que distância estamos daquilo que queremos alcançar? - O que faremos concretamente (num prazo predeterminado) para diminuir essa distância?”.

Pode-se vivenciar que nessa nova era da sociedade globalizada, a tarefa de ser educador, está se tornando um grande desafio a ser amenizado, pois precisa-se de profissionais capazes de despertar o interesse do educando na busca pelo aprender, pois como

futuros profissionais da educação, tem-se o comprometimento e a responsabilidade em formar cidadãos mais ativos e críticos.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho -- a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2011, p. 47).

Percebe-se a importância desse tema na sociedade e como relata Mantoan:

Estou convicta de que todos nós, professores, sabemos que é preciso expulsar a exclusão de nossas escolas e mesmo fora delas e que os desafios são necessários, a fim de que possamos avançar progredir, evoluir em nossos empreendimentos. É fácil receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Estamos habituados a repassar nossos problemas para outros colegas, os “especializados” e, assim, não recai sobre nossos ombros o peso de nossas limitações profissionais. (2003, p. 28).

Como educadora há a necessidade de planejar, refletir e autoavaliar as aulas, sempre com a preocupação em ensinar da melhor forma possível, o que constitui o grande desafio da educação, com certeza é romper com os paradigmas existentes, pois se acredita que cabe aos futuros docentes, abordar nas aulas, metodologias diferenciadas e sempre levando em consideração a capacidade dos estudantes aprenderem e compreenderem os conhecimentos envolvidos e abordados, sempre buscando envolver e aproximar temas da vivência dos educandos, pois o objetivo é preparar e formar seres humanos mais críticos nessa sociedade globalizada.

Mittler relata que:

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isto inclui o currículo corrente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisições acadêmicas dos alunos, as decisões que estão sendo tomadas sobre o agrupamento dos alunos nas escolas ou nas salas de aula, a pedagogia e as práticas de sala de aula, bem como as oportunidades de esportes, lazer e recreação. (2003, p.25).

Cada professor é responsável pela maneira que se autoavalia, durante o transcorrer de cada aula ministrada. Existem diversas formas de avaliar os educandos no transcorrer do ano letivo. O ser professor é uma profissão gratificante, pois o que realmente motiva a desenvolver nossas aulas com vontade, dedicação de tentar transmitir e mediar os estudantes, onde possam ser capazes de adquirir cada vez mais os conhecimentos, para que assim possam ser sujeitos com capacidades e habilidades diferentes perante a sociedade.

O desafio é ensinar, ao mesmo tempo, atitudes, hábitos, savoir-faire, métodos e posturas reflexivas. Além disso, é importante, a partir da formação inicial, criar ambientes de análise da prática, ambientes de partilha das contribuições e de reflexão sobre a forma como se pensa, decide, comunica e reage em sala de aula. Também é preciso criar ambientes-que podem ser os mesmos – para o profissional trabalhar sobre si mesmo, trabalhar seus medos e suas emoções, onde seja incentivado o desenvolvimento da pessoa, de sua identidade. (PERRENOUD, 2008, p. 18)

Deve-se pensar que a avaliação é contínua, necessita-se analisar constantemente os estudantes em sala de aula, como sabe-se não é uma tarefa fácil de ser desenvolvida.

Como afirma o autor:

A avaliação não é o ponto final, a classificação de cada indivíduo a partir do resultado do processo ensino-aprendizagem, pelo contrário, é um conjunto de ações desempenhadas no processo pedagógico que contribui na coleta de dados, no registro de informações, reflexão sobre o material acumulado e na exposição dos processos efetivados e das possibilidades abertas. A avaliação, investigando o processo ensino-aprendizagem. (ESTEBAN, 2004, p.91).

Segundo lei de diretrizes e bases da educação nacional afirma no artigo 59 que os sistemas de ensino assegurarão aos educados com necessidades especiais, destacam:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular. (1996).

O tema educação inclusiva uma realidade possível, tem despertado, no meio educacional, diversas reações dos seres humanos, grandes mudanças e transformações estão e deve-se ainda ocorrer na sociedade.

Como relata Silva e Aranha:

Todo processo de transformação dessa natureza constitui uma mudança de paradigma, o que, geralmente provoca nas pessoas diversas reações, dentre as quais ansiedade, medo, rejeição, resistência, interesse, entusiasmo. Geralmente, constata-se que inicialmente as pessoas começam a mudar o discurso na direção do politicamente esperado e considerado correto, mantendo, entretanto, padrão de comportamento semelhante ao já conhecido. No caso do tema aqui focalizado, o paradigma da construção de sistemas educacionais inclusivos, em desenvolvimento, requer relações interpessoais que sejam eficientemente acolhedoras para todos, ou seja, que atendam às necessidades educacionais de todos, inclusive dos que apresentam necessidades educacionais especiais. (2005, p.1-2).

3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO EM SALA DE AULA

Segundo Freire destaca:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (2011, p. 30-31).

Esse trabalho foi uma proposta de conclusão de curso de especialização da pós-graduação em Educação Interdisciplinar, sugerida pela disciplina de Metodologia da pesquisa e no ensino superior, como acadêmica precisava escolher um assunto relacionado ao que estudamos no decorrer da especialização ou relacionado à educação.

O tema escolhido foi Educação Inclusiva, uma realidade possível? Assim pode-se analisar a vivência dos professores e monitores, que convivem e trabalham com os estudantes normais e os que apresentam alguma deficiência.

Como destaca o autor Müller:

Se o currículo é construído no dia-a-dia da sala de aula e da escola, sob o influxo do contexto social, poder-se-ia dizer que o currículo constitui-se não só nas oportunidades que a escola provê, mas também no modo pelo qual o aluno vive essas oportunidades no sentido de ampliar sua maneira de ver o mundo. Nesse sentido é sempre uma construção social, uma prática que revela seu compromisso com os indivíduos, a história, a sociedade e a cultura. É necessário a visão histórica para entender o presente e poder prever o futuro. (2001, p. 49).

O trabalho começou a partir do conhecimento do ambiente escolar, conversando com a equipe que compõem a direção escolar e principalmente como os professores e monitores que nesta escola desenvolvem diversas atividades. Foi entregue os questionários aos mesmos.

O questionário foi produzido com quatro questões descritivas, onde os professores e monitores de uma escola de rede pública, situada no norte do estado do Rio Grande do Sul, através do mesmo foi possível refletiram e analisaram cada questão para que assim, conseguissem responder com fundamentação, objetivos claros e expondo a atual realidade da Educação Inclusiva nesta escola. Após a aplicação do questionário foi analisado cada um individualmente, a opinião, o conhecimento e inclusive as informações fornecidas. A pesquisa foi destinada para professores e monitores contanto com onze questionários entregues, mas apenas oito questionários, foram entregues para as análises.

O questionário era composto pelas seguintes questões:

1) Qual (is) a(s) influência(s) do ambiente (escolar, familiar, físico social, cultural) que ocorreram e ainda ocorre envolvendo a educação inclusiva?

2) Quais as dificuldades e desafios que a escola encontra diante da inclusão escolar?

3) Em que aspectos você percebe (em sua turma), as mudanças no comportamento, na aprendizagem dos educandos na escola, os mesmos que forma inseridos com alguma deficiência? Justifique.

4) O que a escola, professores podem contribuir para que a Educação Inclusiva possa se tornar uma realidade possível?

Segundo (CARVALHO, 2007, p. 51), destaca que “Espera-se que a escola se identifique como um espaço privilegiado de formação e de exercício da cidadania, de apropriação e construção de conhecimentos e onde se desenvolva uma cultura para a paz... Um espaço privilegiado de aprendizagem e de participação, seja para o alunado, seja para toda a sua comunidade”.

Através das análises, que foram desenvolvidas, pode-se perceber as grandes influências do ambiente escolar, familiar entre outros, que envolvendo a educação inclusiva. Todos os ambientes devem e tem a obrigação em estarem preparados para a inclusão. A comunidade escolar é o espaço onde os educadores podem definir novos caminhos a serem planejados e trilhados pelos educandos, proporcionando um espaço de ensino e aprendizagem mais estimulador, receptivo, buscando quebrar barreiras que ainda existem e que podem ser solucionadas.

Pode-se claramente verificar as dificuldades e desafios que a sociedade inclusive o espaço escolar encontra diante da inclusão. Conforme as análises realizadas, pode-se verificar a falta de organização escolar para atender os estudantes, ainda a resistência por alguns profissionais de incluir esses educandos, não se preocupam na diversidade de trabalhos.

É preciso repensar em novas estratégias e metodologias de ensino para que assim possamos proporcionar uma qualidade de ensino para todos, para que seja possível obter um maior nível de desempenho dos estudantes, a maioria dos professores e monitores da escola, reclama da falta de preparo em acolher e lidar com os estudantes em uma sala de aula, das dificuldades encontradas diante da falta de formação específica, cursos e aperfeiçoamento. Outra grande preocupação pelos educadores e falta de materiais adequados, as dificuldades em trabalhar com as turmas grandes, as mudanças comportamentais dos estudantes, o que acabam por dificultar e atrapalhar o ensino e aprendizagem dos mesmos.

Segundo afirma Carvalho:

Melhorar as escolas e os processos que nela têm lugar, identificando e removendo barreiras, tanto diz respeito àqueles educadores que estão comprometidos com as ideias de educação para todos, com os que trabalham com o conceito de necessidades educacionais especiais e com os que defendem os movimentos de inclusão, em sua concepção mais abrangente. (2007, p. 51)

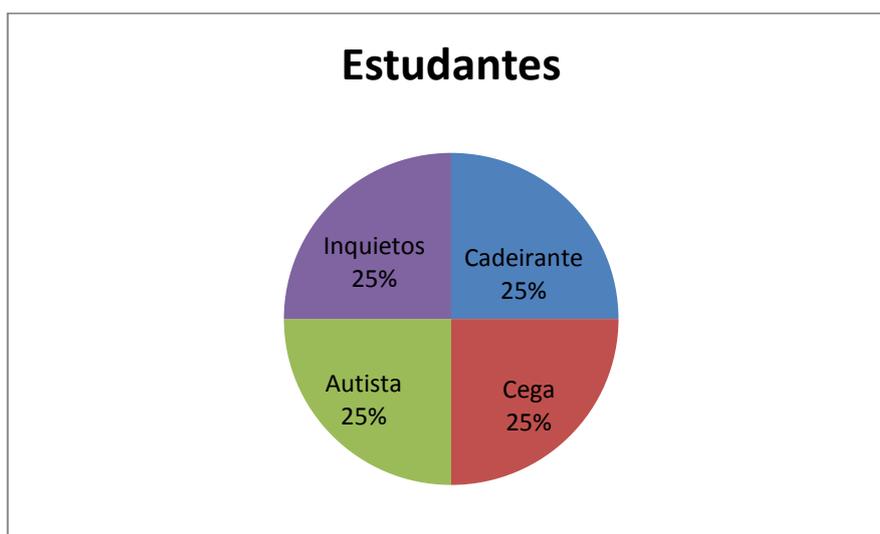


Gráfico 1: 3) Em que aspectos você percebe (em sua turma), as mudanças no comportamento, na aprendizagem dos educandos na escola, os mesmos que forma inseridos com alguma deficiência? Justifique.

Conforme as falas dos professores e monitores podem analisar as mudanças na aprendizagem e comportamentais dos educandos, como pode-se verificar e observar no gráfico 1. Os estudantes cadeirantes se motivam ao ver os modelos positivos dos colegas, onde encontram a força de vontade pelo o aprender. Muitos estudantes evoluíram seja na fala, coordenação motora, alguns conseguem assimilar os conhecimentos científicos. Mudanças de comportamento. A estudante cega demonstra alegria, gosta de ouvir, criativa em seus textos, bem humorada e interessada sempre dedicada. Nos aspectos de convivência, independência, as conquistas são pequenas, mas muito significativas. A aluna autista possui a curiosidade pelo aprender, gosta de ser desafiada.

A inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças; diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças nas suas escolas e prepara-los para ensinarem aquelas crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão. Isto se refere a todas as crianças que não estão sendo beneficiando-se com a escolarização, e não apenas àquelas que são rotuladas como o termo “necessidades educacionais especiais”. (MITTLER, 2003, p. 16)

Na aprendizagem é um trabalho minucioso, com conquistas pequenas e vagarosas, mas que podem ser reais. Os estudantes são bem acolhidos nesta escola, pelos professores e colegas, sempre fazem o possível para que os estudantes sejam incluídos de todas as atividades propostas.

O ofício de professor e a escola enfrentam demasiadas mudanças e crises para que essa tranquilidade ainda possa ser defendida. Devido ao avanço no ciclo de vida profissional, à expectativa de alcançar alguns objetivos, à perda de certas ilusões, à usura mental e ao tédio dos profissionais, às tomadas de consciência, às reformas de todo tipo, à heterogeneidade do público escolar, à degradação das condições de trabalho ou de recursos, a questão do sentido do ensino e da escola torna-se ainda mais importante. Ela não pode obter uma resposta satisfatória definitiva. Mesmo no curto período do ano letivo, ocorrem micro acontecimentos, fases de depressão, momentos de euforia, conflitos, chegadas e partidas, decisões difíceis ou satisfações que fazem o moral e o clima flutuarem, fatores que incitam à reconsideração do significado da profissão. (PERRENOUD, 2002, p. 63)

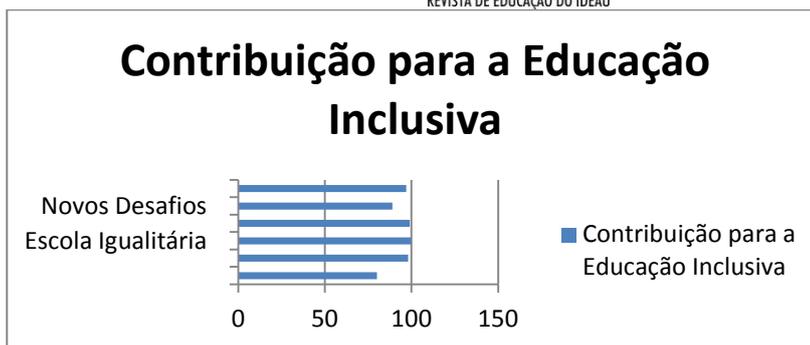


Gráfico 2: 4) O que a escola, professores podem contribuir para que a Educação Inclusiva possa se tornar uma realidade possível?

Pode-se claramente analisar e observar no gráfico 2, as mudanças significativas que podem contribuir para que ocorra uma Educação Inclusiva, digna e igualitária aos educandos, onde a mesma seja capaz de proporcionar um ensino de qualidade. Como afirma (MIRANDA; FILHO, 2012, p. 34) “A inclusão é um processo complexo e esta complexidade deve ser respeitada, atendida e não minimizada”.

Como relatam os professores e monitores durante o questionário, da questão número 4 que destaca que a Educação Inclusiva, precisa-se de diversas mudanças, para que possam contribuir para uma educação significativa, como as a seguir:

Professor 1: “os profissionais da escola devem buscar conhecimentos a respeito das particularidades apresentadas. Adaptar as tarefas, as necessidades da criança. Presença de recursos didáticos específicos”.

Monitora 1: “uma escolas mais igualitária, justa e acolhedora para todos”.

Professor 2: “aceitar esses alunos como seres especiais que são e além de conteúdos transmitir muito amor”.

Professora 3: “o professor precisa se abrir para o novo pensar, produzir seu saber, buscar entender a diversidade humana com ajuda de recursos, materiais, de aceitar desafios que necessita estar dispostos e abertos para aceitar e incluir esses alunos. Que a escola esteja sempre aberta ao diálogo. Para poder levar a resultado significativo na aprendizagem e no desenvolvimento”.

Monitora 2: “deve acolher, oferecer os recursos necessários à adaptação do aluno incluso, e o professor pesquisar meios para incluir essa criança da melhor forma possível (em sua disciplina)”.

Professora 4: “as aulas devem ser preparada para o trabalho na diversidade e ser acessíveis a todos os estudantes. Os materiais curriculares devem completar os diferentes

contextos e culturas dos alunos são estimulados a ouvir opiniões diferentes e ajudar os colegas. Os professores devem preocupar-se em apoiar a participação de todos os alunos e tratar a todos com equidade, oferecendo oportunidades iguais de acesso e serviço a todos”.

Professora 5:“primeiramente o aluno deve participar de todas as atividades propostas para isso o professor deve dar as mesmas atividades para ele mas adequando a sua capacidade, o mesmo a escola deve fazer adquirindo materiais necessários para isso , nunca o deixando de lado”.

Professor 6:“incentivando, integrando, interagindo com essas crianças, oportunizando-as fazer tudo o que os demais fazem, não deixando jamais elas de lado”.

Carvalho define:

Para garantir o sucesso na concretização desta intencionalidade educativa, há que superar as barreiras existentes em suas múltiplas origens e intensidades, para o que se faz necessário: (a) libertar o aluno da condição de solitário responsável por seu insucesso na escola, (b) identificar todos os obstáculos que lhe impedem ou dificultam seu sucesso no processo de aprendizagem, (c) analisar o contexto em que a aprendizagem se realiza, e (d) abandonar, definitivamente, os rótulos, quaisquer que sejam...

As barreiras para a aprendizagem não existem, apenas, porque as pessoas sejam deficientes ou com distúrbios de aprendizagem, mas decorrem das expectativas do grupo em relação às suas potencialidades e das relações entre os aprendizes e os recursos humanos e materiais, socialmente disponível, para atender às suas necessidades. Dizendo de outro modo, as barreiras à aprendizagem dependem do contexto onde são criadas, perpetuadas ou, muitas vezes e, felizmente, eliminadas. (2007, p.51)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como educadores, pode-se analisar as grandes dificuldades e desafios a serem superados e conquistados, que ainda encontra-se, seja no âmbito escolar ou na sociedade. “A inclusão é uma visão, uma estrada a ser viajada, mas uma estrada sem fim, com todos os tipos de barreiras e obstáculos, alguns dos quais estão em nossas mentes e em nossos corações” (MITTLER, 2003, p. 21). Sabe-se que a Educação Inclusiva, não é uma tarefa fácil, mas que precisa ser desenvolvidas metodologias e estratégias de ensinagens diferenciadas, para que todos os educandos sejam bem acolhidos e possam obter uma qualidade de ensino digna. Segundo (MIRANDA E FILHO, 2012, p. 36) refletem que: “Nos tempos atuais, construir uma escola numa perspectiva inclusiva – que atenda adequadamente a estudantes com

diferentes características, e ritmos de aprendizagem – é um dos grandes desafios dos sistemas educacionais”.

Segundo, a afirmação de Mittler defende a ideia de que:

A inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isso inclui o currículo coerente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisições acadêmicas dos alunos, as decisões que estão sendo tomadas sobre o agrupamento dos alunos nas escolas ou nas salas de aula, a pedagogia e as práticas de sala de aula, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação. (2003, p. 25)

Para garantir uma aprendizagem para todos os educandos, precisa-se realizar no âmbito escolar, planejamento no currículo escolar, proporcionar e aplicar novas práticas pedagógicas e metodológicas.

Se almejamos, pois, uma escola que possa garantir a efetiva participação e aprendizagem dos alunos em geral, necessário se faz a sua reestruturação, implicando na busca pela remoção de barreiras visíveis (de acessibilidade física, pedagógicas) e invisíveis, que são as mais sérias de serem removidas, pois envolvem atitudes, preconceitos, estigmas e mecanismos de defesa ainda existentes frente ao aluno tido como “diferente”. (MIRANDA; FILHO, 2012, p. 34-35)

A educação inclusiva demanda que o educador, sejam uns detentores de conhecimento teórico-prático, seja capaz de repensar em modificar e transformar, as estratégias e metodologias de ensino, se organizar quanto ao processo de avaliação, possibilitando ao professor o acompanhamento no desenvolvimento de cada estudante que está inserido em uma sala de aula.

A inclusão não é apenas uma meta que pode ser alcançada, mas uma jornada com um propósito. Durante o curso dessa jornada, os professores vão construir e ampliar suas habilidades sobre as experiências que já possuem com o objetivo de alcançar todas as crianças e suas necessidades de aprendizagem (MITTLER, 2003, p. 183).

Como educadores deve-se estar sempre prontos para mudanças e estar preparados para enfrentar e superar os desafios e obstáculos, que surgiram no âmbito escolar. Proporcionando a ajuda entre os educadores de todas as áreas, pois juntos consegue-se superar qualquer dificuldade. A educação inclusiva está apenas começando, as escolas, educadores e educando juntos unidos poderão obter muitas conquistas.

Segundo Carvalho,

Questões como as que se seguem permitem examinar o aspecto atitudinal: (a) o que pensam e sentem os educadores em relação aos seus alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem? (b) Como a diversidade é percebida pelos professores: como elemento enriquece o desenvolvimento social e pedagógico dos alunos ou como um entrave à sua prática pedagógica planejada para turmas homogêneas? (c) O que pensam e sentem os professores em relação à presença de alunos com deficiência em suas turmas? (d) Como os portadores de deficiência estão no imaginário dos educadores e de seus colegas de escola? (e) O que prevalece no “movimento” em sua direção: a comiseração, a tolerância, a obrigação, ou a crença em suas potencialidades, apesar das limitações impostas pelas deficiências?

Parecem-me questionamentos da maior relevância, pois a predisposição dos professores frente à diversidade tem um papel decisivo na compreensão das diferenças individuais, em sua aceitação e respeito, criando e removendo ou intensificando os obstáculos existentes. (2007, p. 58-59)

Todavia pode-se claramente, analisar as mudanças que ainda precisam ser realizadas e desenvolvidas no campo educacional. Portanto, é imprescindível que como educadores é necessário permitir rever, repensar, organizar as atitudes e modificá-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Daniela. **Os desafios da Educação Inclusiva: foco nas redes de apoio.** Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/554/os-desafios-da-educacao-inclusiva-foco-nas-redes-de-apoio>. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

ESTEBAN, Maria Tereza; SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara (Org). **Práticas Avaliativas em diferentes áreas do currículo.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como Prática Educativa.** São Paulo: Loyola, 2011.

Lei Diretrizes e Bases Curriculares Nacionais. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf Acesso em 23 de novembro de 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR: O que é? Por quê? Como fazer?.** São Paulo, Moderna, 2003.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na Educação Inclusiva: entendo este desafio.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

MIRANDA, Theresinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão (Org). **O professor e a Educação Inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MÜLLER, Jackson. **Educação Ambiental: diretrizes para a prática pedagógica**. Porto Alegre: FAMURS, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi: **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: Wva, 2010.

SILVA, Simone Cerqueira da, ARANHA, Maria Salete Fábio. **Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382005000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 de agosto de 2017.